

Cuidados Paliativos: O papel da enfermagem nos Cuidados Paliativos

Luciane Cristina De Sousa Resende¹

Nádia Dos Santos Silva¹

Douglas Roberto Guimarães Silva²

1 Discente do Curso de Enfermagem do Centro Universitário Presidente Tancredo de Almeida Neves – UNIPTAN.

2 Docente do Curso de Enfermagem e Nutrição do Centro Universitário Presidente Tancredo de Almeida Neves – UNIPTAN.

Resumo: Este trabalho de conclusão de curso (TCC) tem como objetivo analisar o trabalho da enfermagem no cuidado aos pacientes em fase terminal e também suas famílias, discutindo até que ponto vai a responsabilidade do enfermeiro nessa assistência. A pesquisa foi conduzida por meio de uma revisão de literatura, na qual foram selecionados 15 artigos, explorando as atribuições éticas e legais, bem como as habilidades necessárias para oferecer suporte ao paciente e família e o impacto desse cuidado no bem-estar global. A análise demonstrou que a enfermagem desempenha um papel crucial no acolhimento da família, oferecendo apoio emocional e esclarecimento durante o processo de terminalidade. Conclui-se que, apesar das limitações legais da atuação do enfermeiro, sua intervenção pode melhorar significativamente a qualidade de vida tanto do paciente quanto de seus familiares. Além disso, destaca-se a necessidade de maior capacitação e integração com equipes multidisciplinares para otimizar esse cuidado.

Palavras-chave Cuidados Paliativos, Enfermagem, Família, Fase Terminal, Assistência de Enfermagem, Acolhimento, Apoio Emocional.

1. INTRODUÇÃO

O cuidado paliativo surgiu com o objetivo de trazer alívio e conforto nos momentos finais da vida de pacientes e de seus familiares, principalmente em situações de doenças terminais, oferecendo apoio psicológico, social, espiritual e biológico de forma integral (CAMPOS, 2019). Esse modelo de assistência busca proporcionar maior qualidade de vida durante o manejo da doença e do processo de morrer, promovendo dignidade ao paciente por meio de intervenções baseadas nos princípios da bioética, que preconizam a autonomia do paciente e de seus familiares (MONTEIRO, 2019).

O diagnóstico de uma doença terminal não afeta apenas o paciente, mas

impacta toda a estrutura familiar, gerando desafios para que cada membro compreenda seu papel e se adapte à nova realidade. Diante disso, é fundamental que a equipe de cuidados paliativos amplie seu foco de atenção, estendendo o cuidado ao paciente e à família. Essa abordagem visa proporcionar conforto e apoio, ajudando-os a enfrentar a morte, aceitação, restrições, e redução do sofrimento físico, psicológico e espiritual (ESPÍNDOLA et al., 2018).

A enfermagem, com o plano de cuidados como uma de suas principais ferramentas, desempenha um papel crucial no cuidado paliativo. O enfermeiro é muitas vezes o profissional mais próximo do paciente e de seus familiares, estando apto a oferecer suporte contínuo. É necessário, no entanto, que a prática de enfermagem esteja alinhada aos princípios da bioética dos cuidados paliativos, de modo a garantir que as intervenções sejam humanizadas e respeitem a individualidade do paciente (FRANCO et al., 2017).

Além disso, a atuação do enfermeiro em cuidados paliativos abrange não apenas o controle de sintomas físicos, como a dor e desconforto, mas também o apoio emocional e o esclarecimento de dúvidas, fatores essenciais para reduzir a ansiedade e o sofrimento dos familiares. Estudos apontam que a comunicação eficaz, estabelecida entre enfermeiros e familiares, pode auxiliar no enfrentamento do luto e na compreensão do processo de terminalidade, minimizando os impactos emocionais dessa fase (PRADO et al., 2018).

No Brasil, os cuidados paliativos vêm ganhando maior atenção, principalmente após o reconhecimento formal dessa prática como área de atuação médica pelo Conselho Federal de Medicina (CFM) em 2011 (PEIXOTO, 2017). No entanto, o desenvolvimento de políticas públicas voltadas a essa área ainda é limitado. A ampliação dessas políticas e a inserção de cuidados paliativos na atenção básica de saúde são demandas urgentes para garantir um atendimento mais acessível e integral a pacientes e familiares (MACIEL, 2019).

Sendo assim, este trabalho tem como objetivo elucidar até onde a enfermagem é responsável pelo cuidado paliativo da família de pacientes oncológicos, analisando possíveis estratégias de melhoria desse cuidado. A importância de discutir essa temática está no impacto que o suporte adequado aos familiares pode ter na qualidade de vida tanto dos pacientes quanto de suas famílias, especialmente em um contexto de terminalidade.

2. MATERIAL E MÉTODOS

2.1 Tipo de Estudo

Este trabalho é uma revisão de literatura, que visa analisar e sintetizar as evidências existentes sobre o papel da enfermagem no cuidado à família de pacientes em fase terminal, no contexto dos cuidados paliativos.

2.2 Coleta de Dados

Foram utilizadas as seguintes bases de dados para a coleta de artigos científicos: SciELO (Biblioteca Eletrônica Científica Online) e Revista de Bioética

2.3 Descritores Usados

Os descritores utilizados para a busca dos artigos foram: “enfermagem”, “cuidados paliativos”, “família” Os termos foram combinados utilizando o operador booleano “AND” para refinar os resultados e garantir a relevância dos estudos. Essa abordagem permitiu a identificação de publicações que abordam diretamente a responsabilidade da enfermagem no cuidado paliativo as famílias e ao paciente em fase terminal.

2.4 Critérios de Inclusão e Exclusão

2.4.1 Critérios de Inclusão

Artigos publicados nos últimos 10 anos (2013-2023). Estudos disponíveis em português. Artigos que abordam a atuação da enfermagem em cuidados paliativos e seu impacto no suporte à família.

2.4.2 Critérios de Exclusão

Estudos não disponíveis na íntegra, que não apresentam dados relevantes ou que não pertencem diretamente relacionados ao tema central da pesquisa. Dos critérios de inelegibilidade, excluiu-se as publicações não científicas, as publicações

científicas que possuíam textos incompletos, resumos, monografias, dissertações e teses.

2.5 Análise dos dados

Os dados foram analisados qualitativamente, com foco nos seguintes aspectos: Atribuições éticas e legais da enfermagem no contexto dos cuidados paliativos. Habilidades permitidas para o cuidado da família de pacientes em fase terminal. Impacto do suporte oferecido pela enfermagem na qualidade de vida do paciente e da família. Os artigos selecionados foram revisados para identificar padrões, temas recorrentes e lacunas na literatura existente, proporcionando uma compreensão aprofundada do tema.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para facilitar a visualização das principais referências utilizadas neste trabalho e suas respectivas conclusões sobre a responsabilidade da enfermagem nos cuidados paliativos, foi elaborado o quadro a seguir. Nele, estão listados os autores, o ano de publicação e as principais conclusões extraídas de cada estudo, oferecendo uma síntese clara dos resultados que fundamentam esta pesquisa.

Quadro 1 – Alguns autores, ano de publicação e principais conclusões dos estudos sobre cuidados paliativos

Autores	Ano	Principais Conclusões
Góis, A. R. et al.	2019	O processo de luto envolve várias fases emocionais; a enfermagem precisa de preparo emocional para apoiar famílias.
Aquino, S. M.	2016	Trabalhar crenças e espiritualidade é essencial para amenizar o sofrimento físico e espiritual nos cuidados paliativos
Franco, H. C. P. et al.	2017	A enfermagem tem um papel central nos cuidados paliativos, mas há necessidade de maior capacitação e preparo emocional.

Autores	Ano	Principais Conclusões
Menezes, M.	2019	A morte moderna desumaniza o paciente; a filosofia contemporânea busca dignidade e suporte familiar nos cuidados.
Maciel, M.	2019	Cuidados paliativos no Brasil precisam de mais políticas públicas abrangentes para diversas doenças além do câncer.
Marcucci FCI, Perilla AB, Brun MM, Cabrera MAS	2016	. O impacto provocado pelo aumento da população mundial tem resultado em importantes questões ao setor saúde
Prado, R. T. et al.	2018	Falhas na comunicação e falta de treinamento dificultam o suporte adequado às famílias durante o processo de luto.
Benedetti, G.; Santos, M.	2014	O suporte emocional e o acolhimento são cruciais no processo de luto, mas faltam estratégias eficazes de apoio familiar.
Floriani & Schramm	2019	Conceito contemporâneo de “boa morte”.
Rodrigues, LF, et al.	2022	Capacitação e suporte para profissionais dessa área.
World Health Organization.	2017	Afirmação da vida e entendimento da morte como processos natural.

Fonte: os autores.

De acordo com Góis (2019), durante o processo de luto, tanto o paciente quanto os familiares passam por diferentes estágios emocionais, como negação, isolamento, raiva, barganha, depressão e aceitação. Nesse contexto, os familiares também vivenciam a "morte gradual", enfrentando mudanças significativas em suas vidas, sendo a aceitação da morte a mais desafiadora. Assim, percebe-se a importância do treinamento dos profissionais de saúde, em especial da enfermagem, que lida diretamente com esses cuidados, para que estejam emocionalmente preparados para fornecer suporte adequado tanto aos pacientes quanto aos

familiares (Benedetti, 2019).

Aquino (2016) reforça a relevância de trabalhar as crenças individuais, rituais, espiritualidades e religiões dos pacientes e seus familiares, destacando que o acolhimento físico e espiritual é fundamental para amenizar o sofrimento durante esse processo. O papel da equipe multidisciplinar é destacado nesse momento, com a abordagem interdisciplinar sendo crucial para entender as demandas clínicas e psicossociais dos familiares, incluindo aconselhamento e suporte durante o luto (Prado, 2018). No entanto, como Prado (2018) aponta, muitas vezes, os familiares são deixados de lado por falta de treinamento ou falhas na comunicação da equipe multidisciplinar, o que prejudica o processo de luto e o acompanhamento pós-morte.

Ariès (apud Menezes, 2019) ilustra como a percepção da morte evoluiu ao longo dos séculos. Na Idade Média, a morte era vista como um evento natural, enquanto no século XX, tornou-se algo a ser ocultado. Essa mudança transformou a morte em um processo isolado, onde os indivíduos morrem em hospitais, cercados por aparelhos, o que contribui para a desumanização do paciente. A "morte moderna" representa um fracasso tanto para médicos quanto para hospitais, diferentemente do conceito contemporâneo de "boa morte", que busca minimizar a dor do paciente e fornecer suporte emocional e espiritual aos familiares (Floriani & Schramm, 2019).

Os CP são fundamentados em princípios, e não em protocolos, e consistem na promoção do alívio da dor e de outros sintomas aflitivos; na afirmação da vida e no entendimento da morte como processo natural; na ortotanásia (não apressar nem atrasar a morte); na integração de aspectos psicológicos e espirituais ao cuidado do paciente; e no apoio à família durante a vivência do adoecimento, da perda e do luto. Busca-se proporcionar qualidade de vida e influenciar positivamente o curso da doença, atuando no início desta em conjunto com outras terapias que tencionam prolongar a vida e satisfazer as necessidades dos pacientes e de seus parentes por meio da atuação de uma equipe multiprofissional.

Segundo Marcucci (FCI, 2016), os óbitos por DCNT (doenças crônicas não transmissíveis) são frequentemente precedidos por declínio progressivo das condições físicas e nutricionais, trauma emocional, episódios de crises de sintomas físicos e psíquicos, maior uso de recursos materiais e financeiros em saúde, sofrimento do paciente e de seus familiares e necessidade de tomada de decisões éticas importantes. O impacto provocado pelo aumento da população mundial tem

resultado em importantes questões ao setor saúde, especialmente em razão da crescente população de idosos, que, em associação ao envelhecimento, apresenta maior prevalência das doenças crônicas não transmissíveis (DCNT), como câncer, diabetes e doenças crônicas respiratórias e cardiovasculares segundo Duncan BB, (Chor D, Aquino EM 2016).

No Brasil, os cuidados paliativos começaram a ganhar relevância apenas na década de 1980, com a criação de serviços especializados como o Instituto Nacional do Câncer (INCA), que inaugurou uma unidade exclusiva para cuidados paliativos em 1998. Maciel (2019) destaca que esses cuidados não têm a pretensão de curar, mas de proporcionar conforto e controle dos sintomas, envolvendo aspectos físicos, emocionais e espirituais do paciente e de sua família. No entanto, embora os cuidados paliativos tenham avançado no Brasil, ainda enfrentam desafios significativos, como a falta de uma Política Nacional abrangente que inclua outras doenças além do câncer.

O papel da enfermagem nos cuidados paliativos é fundamental, conforme Franco et al. (2017). A enfermagem, através de sua formação baseada no cuidar, tem a capacidade de acolher, orientar e fornecer suporte emocional tanto para o paciente quanto para seus familiares, desempenhando um papel essencial na equipe multidisciplinar. No entanto, muitos enfermeiros relatam se sentir despreparados para lidar com a morte, o que evidencia a necessidade de reformulação curricular e maior capacitação para esse tipo de atendimento (Matos & Moraes, 2019).

Por fim, Menezes (2019) defende que a filosofia da morte contemporânea preconiza uma morte digna e natural, e nesse cenário, a família é parte integrante da equipe de cuidados, auxiliando no processo de tomada de decisão. Entretanto, a realidade brasileira ainda está distante desse ideal, com muitas lacunas no atendimento paliativo que precisam ser preenchidas.

O futuro da enfermagem nos cuidados paliativos requer um compromisso contínuo com a formação e a capacitação dos profissionais. Para que os enfermeiros possam desempenhar seu papel de maneira eficaz, é imprescindível que as instituições de ensino integrem disciplinas que abordem a tanatologia e os cuidados paliativos em seus currículos. A formação deve incluir não apenas conhecimentos técnicos, mas também habilidades emocionais e de comunicação, preparando os profissionais para lidar com a complexidade do luto e o sofrimento dos pacientes e

familiares.

Além disso, o desenvolvimento de programas de apoio e supervisão para enfermeiros que atuam em ambientes de cuidados paliativos pode ajudar a mitigar o desgaste emocional e promover a saúde mental dos profissionais. O fortalecimento da equipe multidisciplinar é essencial, pois a colaboração entre diferentes especialidades pode enriquecer a abordagem de cuidados, garantindo que as necessidades holísticas dos pacientes sejam atendidas.

A sensibilização da sociedade sobre a importância dos cuidados paliativos também deve ser uma prioridade. Promover campanhas de conscientização pode ajudar a desmistificar o tema da morte e fomentar uma cultura de aceitação e preparação para o fim da vida, tornando o ambiente mais acolhedor tanto para pacientes quanto para familiares.

Por fim, a pesquisa e a prática clínica devem continuar a dialogar. Investigar novas abordagens e técnicas nos cuidados paliativos contribuirá para a evolução das práticas e a melhoria da qualidade do cuidado prestado. A enfermagem, como um campo dinâmico e em constante evolução, tem o potencial de liderar essa mudança, promovendo uma visão mais humanizada e digna do processo de morrer.

4. CONCLUSÃO

A atuação da enfermagem no cuidado paliativo à família de pacientes em fase terminal é fundamental para melhorar a qualidade de vida tanto do paciente quanto de seus familiares. Embora a responsabilidade legal da enfermagem tenha seus limites, o suporte emocional e a comunicação eficaz proporcionados pelos enfermeiros têm um impacto significativo no processo de terminalidade, promovendo um ambiente mais acolhedor e respeitoso.

Para maximizar essa atuação, é essencial investir na capacitação contínua dos profissionais de enfermagem, garantindo que eles estejam preparados para enfrentar os desafios emocionais e éticos que surgem neste contexto. A revisão da literatura revela a necessidade de maior integração entre a equipe multidisciplinar, destacando a importância da valorização do papel do enfermeiro, que deve estar em sintonia com as realidades vividas pelos familiares e pacientes.

Os aspectos mais frequentemente mencionados em cuidados paliativos, como a humanização do atendimento, o despreparo profissional em relação à morte,

e questões éticas como eutanásia, distanásia, ortotanásia e mistanásia, ressaltam a urgência de se reformular os currículos acadêmicos. É imperativo que disciplinas voltadas para a tanatologia sejam incluídas, permitindo que os futuros profissionais desenvolvam competências adequadas para lidar com a morte e o luto de maneira mais humanizada.

Os enfermeiros frequentemente enfrentam desgaste emocional em decorrência da constante interação com pacientes terminais, e apesar de reconhecerem a importância do atendimento humanizado, muitos admitem que ainda há lacunas nesse aspecto. No entanto, é encorajador notar que muitos profissionais se esforçam para proporcionar aos pacientes seus últimos dias com dignidade, ouvindo suas histórias e atendendo a seus desejos, o que contribui para um atendimento mais sensível e próximo.

Os cuidados paliativos visam humanizar a relação entre a equipe de saúde, pacientes e familiares, proporcionando uma abordagem que respeite a dignidade do indivíduo desde o diagnóstico até os momentos finais da vida. A medicina paliativa, portanto, deve se consolidar como um campo essencial dentro da prática clínica, reconhecendo que não apenas os pacientes com possibilidades de cura devem ser atendidos, mas também aqueles que enfrentam doenças em que a morte é inevitável.

Diante disso, é crucial que os profissionais de saúde, em geral, se dediquem a explorar e discutir essa temática rica e complexa. A construção de uma cultura de cuidados paliativos que valorize a dignidade e o conforto dos pacientes e suas famílias é um passo significativo em direção a uma assistência mais compassiva e efetiva, alinhada às necessidades reais de uma sociedade que está, gradativamente, aprendendo a lidar com a finitude da vida. Os cuidados paliativos visam a prevenção e o alívio do sofrimento, abordando não apenas os sintomas físicos, mas também os problemas psicossociais e espirituais associados a doenças graves e incuráveis. Além disso, é fundamental que os profissionais de saúde recebam capacitação para atender às necessidades específicas dos pacientes e de suas famílias. Rodrigues, LF, et al. (2022).

REFERÊNCIAS

AQUINO DA SILVA, S. M. Os Cuidados ao Fim da Vida no Contexto dos Cuidados Paliativos. *Revista Brasileira de Cancerologia*, v. 62, n. 3, p. 253–257, 2016.

BENEDETTI, G.; SANTOS, M. Significado do Processo Morte/Morrer para os Acadêmicos Ingressantes no Curso de Enfermagem. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, v. 34, n. 1, p. 173-179, 2013.

CAMPOS, V. F.; SILVA, J. M. DA; SILVA, J. J. DA. Comunicação em Cuidados Paliativos: Equipe, Paciente e Família. *Revista Bioética*, v. 27, n. 4, p. 711–718, 2019.

Duncan BB, Chor D, Aquino EM, Bensenor IM, Mill JG, Schmidt MI, et al. Doenças crônicas não transmissíveis no Brasil: prioridade para enfrentamento e investigação. *Rev Saude Publica*. 2016;46(Supl. 1):126-34

ESPÍNDOLA, A. V. et al. Relações Familiares no Contexto dos Cuidados Paliativos. *Revista Bioética*, v. 26, n. 3, p. 371–377, 2018.

Floriani, C. A. (2019). Cuidados paliativos no Brasil: Desafios para sua inserção no sistema de saúde. In: F. S. Santos (Ed.), *Cuidados paliativos: Diretrizes, humanização e alívio de sintomas* (pp. 101-106). São Paulo, SP: Atheneu.

FRANCO, H. C. P. et al. Papel da Enfermagem na Equipe de Cuidados Paliativos: A Humanização no Processo da Morte e Morrer. *Revista Gestão Saúde*, v. 17, n. 2, p. 48-61, 2017.

MACIEL, M. Cuidados Paliativos no Brasil: Avanços e Desafios. *Revista Brasileira de Medicina Paliativa*, v. 5, n. 2, p. 15-22, 2019.

Marcucci FCI, Perilla AB, Brun MM, Cabrera MAS. Identificação de pacientes com indicação de Cuidados Paliativos na Estratégia Saúde da Família: estudo exploratório. *Cad Saude Colet*. 2016;24(2):145-52.

MENEZES, M. A Morte Moderna e as Transformações no Cuidado Paliativo. *Psico-USF*, v. 24, n. 3, p. 437–448, 2019.

MONTEIRO, M. C. et al. The Decision-Making Process in Families of Terminal ICU Patients. *Psico-USF*, v. 24, n. 3, p. 437–448, 2019.

PRADO, R. T. et al. Desvelando os Cuidados aos Pacientes em Processo de Morte/Morrer e às Suas Famílias. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, v. 39, n. 0, p. e201701111, 2018.

Matos FA, Moraes TM. A Enfermagem nos cuidados paliativos. In: Figueiredo MTA, organizadores. Coletânea de textos sobre cuidados paliativos e Tanatologia São Paulo: Unifesp; 2019. p. 49-62.

Rodrigues, LF, et al. (2022). Cuidados paliativos e ruptura da dor no Brasil: avanços e desafios.

World Health Organization. Cancer Control - Knowledge into Action. WHO guide for effective programmes: Palliative care. Geneva: WHO; 2007 [citado em 2017 Out 23]. (Module 5).